lamenta, padroniza, distribui lugares, normaliza, levando a homogeneização do corpo social, criando regras para impedir os desvios, ajustar as diferenças e produzir as individualizações. Para a criança concebida como desprovida da razão, passou a ser mensurada, treinada, classificada e normalizada, a escola surgiu como um espaço reservado à especificidade do infantil e do controle disciplinar sobre as crianças.

REFERÊNCIAS

BOSSA, Noêmia. Alencar. Fracasso escolar: um olhar psicopedagógico, 1 ed. São Paulo: Artmed, 2002.

BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DURKHEIM, Émile. Educação e sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2001.
FREIRE, Paulo. Da leitura do mundo à leitura da palavra. Obra Paulo Freire; Série Entrevistas, 1982.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. Olho D'agua, 1997.

MORRISH, Ivor. Para uma educação em mudança. Casa do Psicólogo. 1981.
PATTO, Maria Helena Souza. Introdução à psicologia escolar. Casa do Psicólogo, 2006.

SMITH, Corinne; STRICK, Lisa. Dificuldades de aprendizagem de A a Z. Artmed Editora, 2001.

VIGOTSKY, Lev S. A formação social da mente. Casa do Psicólogo 6ª edição.

1998.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL

CLOTILDE FERREIRA BRANDÃO

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a formação do professor para atuar na educação infantil, o percurso histórico da educação infantil no mundo e no Brasil, a importância do brincar como espaço privilegiado para a promoção do brincar, o brinquedo como recurso pedagógico nesse processo. Os profissionais de educação infantil precisam estar cientes do seu papel , possibilitando uma aprendizagem significativa na vida dos educandos, propiciando a possibilidade de uma base sólida que influenciará todo o desenvolvimento futuro dessas crianças. Visando a criação de condições para satisfazer as necessidades básicas na criança, oferecendo-lhe um clima de bem estar físico, afetivo, social e intelectual estimulando aprendizagem e novas descobertas.

Palavras chaves: Professor, formação, Brincadeira, educação infantil, e aprendizagem.

1 INTRODUÇÃO

Escolhemos este tema, pois o objetivo é investigar sobre o papel e a formação do professor de educação infantil, acreditamos que esse profissional exerce um papel marcante na formação de identidade da criança, fazendo a mediação entre a criança e o meio, no papel de organizador, facilitador, investigador e

motivador, enfim, figura principal na relação adulto – criança, no sentido de permitir o desenvolvimento da criança e, sua segurança física e emocional e segundo os RCNEI, muitos profissionais que atuam na educação infantil não possuem formação mínima para exercerem a profissão e quando possuem formação muitas vezes é menos valorizado, pois muitos na sociedade acreditam que a criança só percorre um caminho de conhecimento ao iniciar o ensino fundamental e em muitos casos o educador é considerado apenas cuidador em caráter assistencialista, quando na verdade o papel que tem hoje a educação infantil é cuidar e educar.

Acreditamos que é preciso uma formação adequada para o professor de educação infantil, e que realize uma reflexão sobre sua própria pratica e esteja preparado para atender as necessidades do aluno, principalmente no que se refere à compreensão da criança como ser histórico social, capaz de construir seu próprio conhecimento, estimulando novas descobertas formando crianças felizes e saudáveis, porém a sociedade deve percebê-lo e valoriza-lo com tanta importância quanto os demais profissionais.

A metodologia utilizada é a de bibliografia, apoiando-se em embasamentos teóricos, ressaltando concepções de autores conceituados que se dirigem a temática da formação de professores de educação infantil.

Evidenciar a importância da brincadeira no desenvolvimento da criança e o brinquedo como recurso pedagógico. O histórico da Educação infantil no mundo , o papel do professor de educação Infantil

Enfatizar a importância do professor na educação infantil e sua influencia na construção do processo ensino-aprendizagem aprendizagens.

2 DESENVOLVIMENTO

O presente capítulo apresenta um resgate histórico, fazendo recortes cronológicos de como se deu a educação infantil no mundo, mostrando as transformações e rupturas que influenciam nas concepções pedagógicas e que interferem diretamente no ambiente escolar e na história em relação a mudanças significativas nesse contexto.

2.1 A educação infantil no mundo

A educação infantil é um assunto extenso, pois vem desde a antiguidade, e cada povo com suas culturas e crenças tinham seus métodos de educar.

Segundo pesquisas de Drouet (1997 p. 10), os gregos educavam seus filhos até a idade de sete anos, tratava-se não de uma educação, mas de uma “criação”, que era competência das mulheres. Após essa idade, os meninos eram entregues ao estado, enquanto as meninas permaneciam em casa aprendendo as tarefas domesticas.

Na antiga Roma a educação familiar era também o instrumento de formação do futuro cidadão, sendo as mães responsáveis por essa formação. Em ambos os casos tratavam de uma educação informal.

No século XVII João Amós Comenius salientou a importância da educação infantil formal e preconizou a criação de

escolas maternais por toda à parte. As crianças teriam assim a oportunidade, desde os primeiros anos, de adquirir noções elementares de todas as ciências que estudariam mais tarde [DROUET , 1997, p. 10].

Podemos perceber que cada povo tem seus próprios métodos para educar e visões diferentes, porém as crianças de todo o mundo tem as mesmas carências e necessidades que são fatos importantes e reais até os dias atuais.

Segundo pesquisas de Drouet (1997 p. 11) Rousseau importante filosofo do século XVIII, teve uma grande influencia na educação e pode ser considerado um dos precursores da educação infantil. Ate sua época a criança era considerada um adulto em miniatura, foi ele quem descobriu a infância, fazendo com que se passassem a pensar na criança como um ser com idéias próprias diferentes das do adulto.

Nesse sentido a formação da criança começa com o seu nascimento, pois mesmo ate antes de falar ou compreender a criança utiliza outros instrumentos para ter contato com o mundo, como por exemplo, o choro, para demonstrar algo que esta sentindo ou necessitando, de maneira que ao nascer a criança se orienta pelos sentidos, depois pela fantasia e só mais tarde é capaz de utilizar a razão como ponto para suas atitudes diante do mundo.

Segundo Drouet (1997 p.11) referindo-se a Froebel criador dos jardins de infância (Kindergarten) chamou-os de “viveiros infantis” pois considerava as crianças plantinhas tenras que deviam ser cuidadas com carinho. A finalidade principal dos jardins era colocar as crianças em estreito contato com a natureza. Reconhecia o poder do professor, mas enfatizava muito o fato do aluno ser o principal agente de seu próprio desenvolvimento.

De açodo com estudos realizados por Drouet (1997 p.13), No tocante da educação infantil Froebel expressava as seguintes idéias “A única preparação possível para o desenvolvimento da meninice é o desenvolvimento completo dos poderes da infância” Estes por sua vez, preparavam o caminho da juventude e da virilidade não se negando a criança condições e oportunidades de desenvolvimento, refletindo nas etapas anteriores de um modo permanente.

No momento de criação do Kindergarten a educação infantil passa por grandes avanços em relação à totalidade de forma que segundo Drouet (1997 p.13) falando sobre Froebel afirma que para ele além dos conteúdos formais para se realizar uma formação completa era necessário utilizar métodos que propiciassem condições de uma formação completa do individuo como cuidados e carinho.

Segundo Drouet (1997 p.21) pode se dizer que a criação das creches modernas encontra-se nos chamados “refúgios” europeus do fim do século XVIII, cujo objetivo principal era guardar a alimentação dos filhos das mulheres que precisavam se ausentar do lar, pois com a revolução industrial muitas mulheres foram obrigadas a deixar as manufaturas caseiras e trabalhar nas fabricas que passavam a se multiplicar. Esses refúgios consistiam em uma sala, ou mesmo cozinha, na casa de uma mulher que não trabalhava fora

a “guardiã”, que reunia varias crianças de todas idades, filhas de vizinhos, as quais dava alimentação e cuidados.

Por volta de 1840, segundo Drouet (1997 p. 21) apareceram na França as primeiras instituições que cuidavam de crianças recém nascidas ate completarem cinco anos de idade. Eram filhos de trabalhadores que não tinham onde deixa-los durante o serviço. Na Inglaterra elas também tiveram bastante sucesso, com o nome Day-nurseries. E por toda a Europa e também América estabeleceram-se creches, com a função de cuidar da alimentação e cuidados das crianças.

Assim as instituições que cuidavam dessas crianças ainda tinham um caráter assistencialista, pois a grande maioria das crianças era filhos de operários, hoje devido a grandes mudanças na educação o trabalho é executado por pessoal remunerado, especializado ou treinados na maioria das vezes. Há também uma classificação onde se dividem as crianças em grupos, e faixas etárias sendo atendidas através de modernas técnicas pedagógicas.

Segundo Drouet (1997 p. 23) com a primeira Guerra Mundial, a necessidade de creches aumentou muito, tanto na Europa quanto na América, pois era cada vez maior o número de mulheres trabalhando nas indústrias em substituição aos homens que se alistavam, além disso havia também o problema dos órfãos de guerra que passavam a necessitar de atenção quanto à saúde emocional. As creches públicas não conseguiam mais abrigar todas as crianças, de modo que foram surgindo aos poucos berçários e creches particulares, que só a partir do final da segunda Guerra Mundial começaram a ser regulamentadas e registradas, passando a receber inspeções periódicas. Devido as grandes mudanças que a Guerra causou, além dos cuidados básicos que se tinha com as crianças era necessário mais do que isso, pois muitas ficaram com sérios problemas psicológicos devido à ausência da família que ao nosso entender é parte importante para o processo de formação de identidade da criança.

3 A brincadeira e o brinquedo na construção do conhecimento

Viver é uma grande brincadeira, representamos papéis, ganhamos e perdemos, mas a forma com que participamos dela é diferente da visão que uma criança tem desse reino fabuloso.

Para a criança a brincadeira gira em torno da espontaneidade e da imaginação. Não dependendo de regras, de formas rígidas estruturadas. Para surgir basta uma bola, um espaço para correr ou um risco no chão.

Criadas e recriadas a todo o momento, deixam estampadas no rosto de cada criança um sorriso que desperta nos adultos aquele desejo frequente de voltar a ser criança... e brincar, mas daquele jeito. A criança constrói sua personalidade brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. Para o adulto as experiências tanto externas como internas podem ser férteis, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia.

Na atuação com brinquedos, a criança cria normas e funções que apenas tem significado naquela relação especifica.

Para a criança brinquedo e brincadeira representam uma parte do mundo que ela conhece, são os personagens de sua historia atual, que irão tomar novos papeis mais tarde em sua vida.

No universo lúdico tudo pode divertir e ser divertido transforma-se em brinquedos ou brincadeiras. Tudo pode significar a busca isolada de novas descobertas ou a troca de experiências no convívio com outras, crianças. [VELASCO,1996, p. 69].

A brincadeira é uma atividade cotidiana na vida da criança, pois através do brincar a criança pode exercitar sua imaginação e assimilar o real ao desejo de construir, abre caminhos para autonomia, a criatividade. Atua também sobre a capacidade de representar articulando com outras formas de expressão, instrumentos para aprendizagem de regras sociais.

Desde os primórdios da civilização o brincar é uma atividade das crianças e também dos adultos. Na antiguidade as crianças participavam das festividades, lazer e jogos dos adultos, mas tinham, ao mesmo tempo, um ambiente separado para os jogos estes ocorriam em praças públicas, espaços livres, sem supervisão do adulto em grupos de crianças de diferentes idades e sexos. Naquela época a brincadeira era considerada um elemento da cultura, do riso, do folclore e do carnaval. Ela era uma representação da vida, modelo em miniatura da historia e destino da humanidade [VELASCO, 1996, p. 41].

A brincadeira era considerada um fenômeno social do qual todos participavam, e, aos poucos foi perdendo o vinculo comunitário, tornando-se individual e a partir desta individualidade houve a separação entre o mundo da criança e o do adulto e com o decorrer do tempo foi ocorrendo o processo de socialização que é fundamental no desenvolvimento infantil tanto quanto a nutrição e cuidados de higiene. Com o progresso nas grandes cidades e a mudança de hábitos que a evolução da civilização nos impôs, o brincar sofreu varias mudanças no decorrer do século VELASCO (1996 p.43).

Vemos que nas cidades houve a redução do espaço físico e a falta de segurança para as crianças brincarem. O ritmo da vida moderna fez diminuir o tempo reservado para as atividades lúdicas. A tecnologia reduziu o estimulo á brincadeira como, por exemplo, temos a TV e a industrialização modificando a relação da criança com o brinquedo, porém ainda assim podemos ver o quanto a criança ainda tem necessidade de brincar tanto quanto precisam de suprir suas necessidades mais básicas.

A brincadeira favorece a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil [RCNEI, 1998, p 27]

Deste ponto ressaltado, o brincar é essencial, porém o adulto tem papel importante servindo como modelo a criança. O professor no processo educativo é esse modelo, podendo leva a questão do brincar de forma favorável as aprendizagens das crianças, ou deixar o brincar só por

brincar.

Brincar é uma atividade não apenas natural, mas, sobretudo sóciocultural, cujo tema começa a ser objeto de interesse dos que fazem a política. A questão está mais fundamentalmente na efetivação desse direito. Ele não esta sendo cumprido. Muitas crianças não brincam outras brincam muito pouco [VELASCO, 1996, p. 45].

Sabemos que a criança a cada dia tem menos tempo para brincar, pois os pais as matriculam no maior número possível de atividades, e como consequência elas são vítimas do stress bem cedo e as cidades estão engolindo o espaço do brincar e do brinquedo "os jardins de infância são cada vez menos jardins e cada vez mais escolas".

O brincar, afeto, motricidade, linguagem, percepção, representação, memória e outras funções cognitivas estão profundamente interligadas. A brincadeira favorece o equilíbrio afetivo da criança e contribui para o processo de apropriação de signos sociais [OLIVEIRA, 2002 , p. 160]

A brincadeira cria, nesse contexto, condições para uma transformação significativa da consciência infantil, por exigir da criança formas mais complexas de relacionamento com o mundo. Isso ocorre em virtude das características da brincadeira que é a comunicação interpessoal que ela envolve não podendo ser considerada ao pé da letra ação, pois é uma negociação de regras e a transformação de papéis assumidos pelos participantes faz com que ela seja sempre imprevisível.

Por meio da brincadeira, a criança exercita capacidades nascentes, como as de representar o mundo e distinguir entre pessoas, possibilitadas especialmente pelos jogos de faz-de-conta e os de alternância, respectivamente [OLIVEIRA, 2002, p. 160].

Ao brincar a criança passa a compreender as características dos objetivos, seu funcionamento, e ao mesmo tempo, ao tomar o papel do outro na brincadeira, começa a perceber as diferentes perspectivas de uma situação. A brincadeira permite a construção de novas possibilidades de ação e formas diferentes de criar os elementos do ambiente.

Segundo Oliveira (2002 p. 162) a imaginação desenvolve-se por toda a vida, ela é livre embora ainda pobre na criança, ao passo que o adulto, por ter uma experiência mais diversificada, pode experimentar uma função imaginativa extremamente rica e madura.

Há recíproca vinculação entre imaginação e emoção. Ao mesmo tempo em que as imagens da fantasia selecionam e recombinam elementos da realidade segundo o estado interior do individuo, os sentimentos e alegrias de personagens imaginários o emocionam, entendemos então que reflexões podem colaborar para discutir a questão da criação humana, abrindo caminhos para a promoção de experiências educativas.

A criança que brinca vive sua infância, tornando-se um adulto muito mais equilibrado física e emocionalmente, suportara muito melhor a pressão das responsabilidades adulta e terá mais criatividade para solucionar os problemas que lhe surgirem.

Preservar e valorizar o brincar espontâneo são maneiras de fazermos a nossa historia e a nossa cultura. O brincar nunca deixará de ter seu papel importante na aprendizagem e daí à necessidade de não permitirmos suas transformações negativas e estimularmos a permanência e existência (autentica e espontânea) da atividade lúdica infantil.

3.1O brinquedo como recurso pedagógico.

ser uma pipa colorida no azul do céu; uma boneca de pano nos braços de uma menina ou um caminhãozinho carregado de sonhos na estrada iluminada de fantasias do menino... Em todos os tempos, para todos os povos, os brinquedos evocam as mais as mais sublimes lembranças. São objetos mágicos, que vão passando de geração em geração, com um incrível poder de encantar crianças e adultos. Brinquedo é tudo o que a criança utiliza como passaporte para o reino mágico da brincadeira. Pode ser uma folha caída da árvore, pedrinhas achadas no chão, um pedaço de barbante, sementinhas que o vento esparrama pelos campos, papéis usados, um pano qualquer, latas velhas, tampinhas de garrafas etc [VELASCO, 1996, p 49].

O brinquedo sempre esteve presente na vida da criança, desde os tempos primitivos até os dias de hoje, sendo sua figura peça de fundamental importância na construção do mundo infantil.

Estudos arqueológicos em tumbas funerárias revelaram a existência de miniaturas de barcos de madeira e bonecos representados artífices de algumas profissões, possivelmente utilizados como brinquedos, 2000 a.C. No antigo Egito, um milênio antes de Cristo, também foram encontrados vestígios de objetos considerados brinquedo [VELASCO, 1996, p. 49].

Crianças da antiguidade, na Grécia, já brincavam com chocalhos de argila recheados de pedrinhas. Em Roma divertiam-se com carrinhos de duas rodas imitando os guerreiros, cavalinhos construídos de madeira e pequenas réplicas de animais e soldados.

Dentre todos os brinquedos conhecidos, supõe-se que o primeiro a encantar a criança tenha sido o chocalho, que acompanha a humanidade desde o berço. Segundo alguns historiadores, os pais davam chocalhos aos filhos com a função de espantar os maus espíritos.

De acordo com Velasco (1996 p. 50) Muitos brinquedos surgiram dentro de uma criativa cumplicidade. De um lado o espírito infantil, buscando/desenvolvendo, a seu modo, formas de expressão, exploração, manipulação, socialização, diversão, projeção, verbalização, locomoção e prazer. De outro, a habilidade artesanal, transformando madeiras, metais ou argila em objetos aos quais as crianças deram à função lúdica e os primeiros brinquedos que as crianças ganharam surgiram no próprio ambiente familiar. Eram bonecas de palha, argila, ou pano, cavalinhos de madeira, bolas, rudimentadas e carrinhos de latas confeccionados artesanalmente. No século XVIII, apareceram às oficinas especializadas, sua produção, de inicio, era praticamente artesanal, mas pouco a pouco o trabalho manual foi cedendo lugar às máquinas.

Ao passar do tempo vemos que as matérias primas naturais foram substituídas pelos sintéticos e os produtos passaram a ser produzidos em série para atender a demanda de consumo da sociedade.

[...] o processo de urbanização e a poderosa influência da televisão alteraram os brinquedos e as crianças. O prazer de se construir os próprios brinquedos, exercitando a criatividade, a imaginação perdeu-se diante da presteza da indústria [VELASCO, 1996, p. 51].

Apesar das modificações criadas pela sociedade, o prazer de semear a alegria, os brinquedos fazem brotar felicidade em toda parte. Por onde passam eles deixam sua marca e com sua originalidade e criatividade criam melhores lembranças da infância de cada um, resgatando o significado do brincar.

Contudo o brinquedo deve ser considerado na sua especificidade: a criança, na maior parte das vezes, não se contenta em contemplar ou registrar as imagens: ela as manipula na brincadeira e, ao fazê-lo, transforma-as e lhes dá novas significações [BOUGÉRE, 1995, p 47].

O brinquedo como suporte da brincadeira tem papel estimulante para a criança no momento da ação lúdica, em que tanto o brinquedo, quanto à brincadeira, permite a exploração do seu potencial criativo de uma sequência de ação libertas e naturais dando ênfase a imaginação que se apresenta como atração principal, permitindo, assim que a criança reinventa o mundo e liberta suas fantasias.

O brinquedo coloca a criança na presença de reproduções: tudo o que existe no cotidiano, a natureza e as construções humanas. Pode-se dizer que um dos objetivos do brinquedo é dar a criança um substituto dos objetos reais para que possam manipulá-los. [KISHIMOTO, 1994, p. 18]

Quando uma criança esta brincando podemos perceber que ela geralmente faz as mesmas coisas que vivencia em casa com os pais, as meninas gostam de ganhar bonecas, panelas e acessórios de casa fazendo assim uma ponte entre o real e o imaginário, onde ela vai interpretar papéis como imitar a mãe e suas atitudes cotidianas, já os meninos preferem armas e objetos como armas de brinquedo para representar poder e autoridade, o brinquedo então representa a criatividade da criança. Segundo Bougére (1995, p 66), as dimensões sustentadas pelo brinquedo torna-o um objeto iço em potencialidades enquanto fator de socialização.

O professor e os pais devem possibilitar um brincar com motivação, pois na idade da educação infantil à criança experimenta necessidades em que os desejos não realizáveis tornam-se verdadeiros através do brinquedo, pois no mundo imaginário a criança cria, imagina e brinca sem limites.

O jogo e a brincadeira na infância estruturam-se no movimento. Estes têm as emoções. A criança, dessa maneira, estabelece conceitos, interage com os objetos e as pessoas, favorecendo a comunicação e a inteligência, daí o pensamento e a aprendizagem vivem resultado importante desse brincar. [VELASCO, 1996, p.78].

[...] o papel do brinquedo na vida da criança permite o desenvolvimento

da linguagem, em que o brinquedo e as brincadeiras são excelentes oportunidades para nutrir a linguagem da criança, possibilitando o contato com diferentes objetos e situações, estimulando também a linguagem interna e o aumento do vocabulário [RCNEI, 2000, p.71].

A participação deve enriquecer o processo de desenvolvimento da linguagem da criança e através desse processo o entusiasmo com intervenção da brincadeira faz com que a linguagem verbal se torne mais fluente e haja maior interesse pelo conhecimento de palavras novas, e a variedade de situações que o brinquedo possibilita pode favorecer a aquisição de novos conceitos.

Um exemplo de material pedagógico com objetivos importantes tanto em relação ao brinca, quanto em conteúdo curricular, Velasco (1996, p 61), vê a sucata como material mágico.

Dado a situação natural da criança, no destruir e construir, a utilização da sucata como material lúdico ou de criação proporciona à criança uma mudança de valores sociais, em relação ao brinquedo, pois com a sucata não precisa ter medo de quebrar o brinquedo faz-se outro ate mesmo melhor e mais interessante [VELASCO, 1996, p. 61].

Sabemos que rolhas, palitos, copos descartáveis, pedaços de papéis entre outros objetos, são muitas vezes, jogados e desprezados como lixo, mas podem ser transformados em obras de arte (adulta ou infantil) são materiais que recebem uma magia muito especial quando passam a fazer parte do mundo infantil.

4 O PAPEL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL NO PROCESSO ENSINO-APENDIZAGEM

4.1 O professor na interação e mediação das aprendizagens

O professor na educação infantil precisa considerar o lúdico em todos os aspectos a serem trabalhados, no entanto é necessário atentar a questão da mediação que o mesmo faz na interação que o grupo estabelece entre si, e a interação que o professor estabelece com os educandos na sua prática.

O aluno (criança, pré-adolescente ou adolescente), que vem à escola com curiosidade, é um ser que adquire conhecimento utilizando a mediação do próprio objeto do saber, do livro, das revistas, dos meios de comunicação de massa, dos colegas de classe, do professor e de outras pessoas. A aprendizagem é sempre mediada [...] [MATUI, 1995, p187].

Nesse sentido o professor tem papel mediador importante no processo ensinoaprendizagem. Este papel é essencial para favorecer as aprendizagens do aluno dentro do processo educativo, pois o professor contemporâneo precisa estar em sua prática com uma ação pedagógica que leve seus alunos a ter prazer de aprender, numa relação de respeito mutuo mantida e estabelecida diariamente com seu professor.

"O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. [...] É o <<pensamos>>que estabelece o <<penso>>e não o contrário" [FREIRE, 2001, p 66].

Na educação infantil o professor

deve ampliar seu olhar além dos conteúdos e atividades, percebendo suas crianças em aspectos cognitivos, afetivos e sociais a fim de vê-lo com sua subjetividade e suas necessidades. A mediação que o professor mantém é percebida pelo aluno, de forma que se o professor partir de uma postura tradicionalista e autoritária poderá prejudicar as aprendizagens dos educandos. Já que na questão mediação, não é interessante e sim prejudicial que o aluno tenha medo ou fique desmotivado de ir aquele ambiente opressor.

A educação infantil requer não só do lúdico e do brincar, mais de outras questões como cuidados, estímulos, uma relação professor-aluno equilibrada dentre outros elementos importantes.

Matui (1995, p.139) diz que na visão de Vygotsky, essencialmente interacionista, os conceitos científicos que as crianças formulam no processo de aprendizagem tem duas origens:

- A partir da experiência, formando conceitos espontâneos cotidianos;
- A partir da interação social, especialmente em situação de escola, formando conceitos científicos.

Assim, a interação é o resultado de constante relacionamento entre indivíduos através do contato e comunicação, podendo ser orientada no caso da educação. A interação é capaz de modificar o comportamento dos indivíduos envolvidos nessa relação onde ocorre contato, comunicação e orientação.

Assim percebemos que para a formação dos conceitos científicos na criança é preciso a mediação de um professor qualificado que conheça como lidar com as crianças para favorecer as aprendizagens dos mesmos.

Enquanto interage com o seu mundo de origem, o grupo cultural em que nasceu (família e vizinhança), a criança constrói conceitos cotidianos ou espontâneos, experimentais e intuitivos, carregados de sentido primitivo [MATUI, 1995, p140]

Como percebemos desde que nasce a mediação do adulto na formação de conceitos da criança estás presente, ela forma esses conceitos cotidianos num mundo social e cultural que a cerca.

Quando a criança começa a interagir com a escola e os professores, pela primeira vez começa a interagir com o mundo das ciências, vale dizer, a pronunciar o mundo com as palavras de significado mais abrangente, com maior abstração e generalidade [MATUI, 1995, p 140].

Contudo a partir do contato com a mediação do professor na escola, isto é, da mediação pedagógica, a criança amplia seu olhar além do cotidiano e dos conceitos construídos espontaneamente, passa-se a considerar os conceitos científicos do mundo que há ao seu redor.

Na educação infantil o professor precisa estar além de conteúdos, pois a criança precisa sim aprender esses conteúdos e conceitos direcionados a sua idade, porém, é preciso atentar para o ser criança, onde brinca faz parte do aprender. Por isso o professor necessita utilizar da ludicidade nos momentos de aprendizagem dos alunos, a fim de desenvolver integralmente a criança em todos os aspetos, cognitivo, afetivo físico e social.

É brincando que as

crianças aprendem:

Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais e intelectuais. Quando a criança não brinca ela deixa de estimular, e até mesmo desenvolver suas capacidades inatas e pode vi a ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando brinca à vontade, tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado, consciente e afetuoso [VELASCO, 1996, p78].

Nesse contexto o professor em sua prática necessita estar preparado para desenvolver um trabalho lúdico com objetivos claros frente à ação pedagógica. No sentido de transformar as aprendizagens dos alunos, levando-os a crescer em formação de conceitos sem deixar de brincar, e sim utilizando da questão do brincar como ferramenta uma pedagógica essencial dentro da sua ação educadora. A interação professor-aluno está atrelada ao ato de mediar situações de aprendizagem, é através da interação entre professor e aluno que há ampliação de conhecimento.

"Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzam à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender" [FREIRE, 2001, p 25].

Percebemos que o professor enquanto mantém a interação com o seu aluno precisa deixá-lo livre para se expressar, pois quem ensina também aprende e quem aprende também ensina. Partindo desse pressuposto o professor pode propiciar ao seu aluno momento favoráveis no processo de ensino aprendizagem.

4.2 O professor e o processo ensino-aprendizagem

Atualmente o professor precisa estar preparado para uma prática pedagógica a favor da aprendizagem. Considerando aspectos relacionados à mediação e interação o professor pode agir de maneira a estimular e motivar o seu aluno dentro desse processo.

Morales (2008) faz referência a algumas posturas que podem estimular e favorecer o processo ensino-aprendizagem.

a- Dar orientação;

b- Mostrar entusiasmo;

c- Propor alternativas para a escolha dos alunos;

d- Elogio sincero;

e- Reforço ao êxito;

f- Estimular a curiosidade;

g- Estimular o interesse;

h- Centrar a atenção;

i- Mostrar a relevância do que se estuda;

j- Criar um clima de confiança e satisfação.

Cury (2003) apresenta os sete pecados capitais dos professores, estes por sua vez podem prejudicar o processo ensino-aprendizagem.

1- Corrigir publicamente;

2- Expressar autoridade com agressividade;

3- Ser excessivamente crítico, obstruindo a infância da criança;

4- Punir quando estiver irado e colocar limites sem dar explicações;

5- Ser impaciente e desistir de educar;

6- Não cumprir com a palavra;

7- Destruir a esperança e os sonhos.

Assim, com esses pontos de vista percebemos que o professor deve considerar suas condutas no processo de ensino-aprendizagem, lembrando que a criança está iniciando a formação do seu caráter, ética e moral , bem como seu perfil afetivo, cognitivo, físico e social. E o professor faz a diferença enquanto adulto a frente desses educandos. Na questão lúdica, o professor precisa considerar a infância e sua relação com o brincar. A formação do professor nesse contexto pode ser pensada dentro de propostas atuais de desenvolvimento do educando onde uma ação reflexiva e mediadora, com uma avaliação diagnóstica durante todo o decorrer do processo educativo facilitará o processo ensino-aprendizagem para as crianças.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a pesquisa realizada, concluímos que a educação infantil, tem o papel de valorizar os conhecimentos, e precisa de profissionais dedicados capaz de refletir sobre a prática, criando estratégias de ação, e possibilidades de auxiliar a criança neste processo de formação, fortalecendo a concepção de infância.

O desenvolvimento profissional é uma caminhada que decorre ao longo de todo o ciclo de vida e envolve crescer, ser, sentir e agir. É uma profissão complexa que exige uma jornada de crescimento e desenvolvimento ao longo do ciclo de vida.

Percebemos que o papel do professor da educação infantil é em muitos aspectos, similar ao papel de outros professores, porém acreditamos que o professor da educação infantil tem sentimentos mistos onde há também que considerar que o educador assume responsabilidades pelo conjunto total das necessidades da criança, considerando que a criança pequena tem características especificas devido aos seus estágios de desenvolvimento aos seus processos de crescimento e a sua vulnerabilidade.

A criança é vista como um ser frágil, que necessita de cuidados físicos e psicológicos constantes onde o professor é mediador neste processo, não só porque nesta etapa o desenvolvimento dos aspectos emocionais tem um papel fundamental como também porque se constituem condições necessárias para qualquer progresso no desenvolvimento infantil.

Vemos que a globalidade da educação da criança pequena reflete a forma pela qual ela aprende e se desenvolve, e levam à educadores de infância a desempenharem uma enorme diversidade de tarefas e tem um papel abrangente, essa enorme diversidade vai desde os cuidados de bem estar, higiene, segurança, á educação podendo ser entendida então como

socialização, desenvolvimento e aprendizagem.

Integrar saberes e funções requer a procura se saberes de renovação para aprender, sentir e fazer. Requer também que os saberes se integrem com o afeto capaz de sustentar a paixão de educar as crianças de hoje, cidadãos de amanhã. O direito de cidadania das crianças desafiando a sociedade e os sistemas educativos a criarem sistemas de apoio, supervisão ao desenvolvimento profissional dos educadores da organização onde exercem a profissão.

Finalmente como contribuição, esperamos que este trabalho sirva como reflexão em relação à interação professor-aluno e sua importância para o processo ensino-aprendizagem, servindo como base teórica para ser colocada em prática na busca de uma maior qualidade de ensino desde a educação infantil.

4 **REFERÊNCIAS**

• BOUGERÉ, Gilles. BRINQUEDO E CULTURA. São Paulo-SP: Cortez, 1995.110 p.

• CURY, Augusto. Pais Brilhantes. Professores Fascinantes. 21. ed. Rio de Janeiro-RJ: Sextante, 2003.

• DROUET. Ruth Caribe da Rocha. Fundamentos da educação pré-escolar. 3 ed. São Paulo-SP: Ática, 1997.

• FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. 20. ed. São Paulo-SP: Paz e Terra, 2001.

• KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O jogo e a educação infantil. São Paulo-SP: Pioneira, 1994.

MACHADO, Maria Lucia de A. Encontros e Desencontros em Educação Infantil. 2° ed. São Paulo-SP: Cortez, 2005.

• MATUI, Jiron. CONSTRUTIVISMO: Teoria construtivista sócio-histórica aplicada ao ensino. São Paulo-SP: Moderna, 1995.

• MORALES, Pedro. A relação Professor-aluno: O que é, como se faz. 7. ed. São Paulo - SP: Loyola, 2008.

• RCNS, Referencial Curricular para a Educação Infantil: Introdução. Vol. 1. Brasilia-DF: Secretaria de Educação,1998.

• ROMAN, Eurilda Dias, STEYER, Vivian Edite. (ORG). A CRIANÇA DE 0 A 6

ANOS E A EDUCAÇÃO INFANTIL: um retrato multifacetado. Canoas: ULbra, 2001.

• VELASCO, Cacilda Gonsalves. Brincar: O despertar Psicomotor. Rio de Janeiro-RJ: Sprinte, 1996.

• VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos

processos psicológicos superiores. 6 ed.São Paulo-SP:Martins Fontes, 2000.

• http://pt.wikipedia.org/wiki/Zona_de_desenvolvimento_proximal acesso 25 de Julho de 2014, 20h,

• OLIVEIRA, Zilma Ramos de. Educação Infantil: Fundamentos e métodos 3º ed. São Paulo-SP: Cortez 2002.